

Tatuagens religiosas substituem peças de madeira e viram febre entre os fiéis

Pesquisa mostra que agradecimentos de fiéis estão se ajustando à modernidade.

Por **Beatriz Araujo e Matheus Chaves**, G1 Santos

14/12/2019 06h19 · Atualizado há 4 dias



Marcello França: a moeda de São Bento tatuada no braço simbolizou a mudança de vida — Foto: Marcello França/Arquivo pessoal

Os ex-votos chegaram à era moderna. As tradicionais peças que representam partes do corpo, em agradecimento a alguma cura atribuída à fé, passaram a fazer parte da própria pele dos fiéis e de um modo impensável até pouco tempo. Elas viraram tatuagens.

“Hoje, talvez a pessoa não leve uma peça de madeira representando um órgão que foi curado, mas tatue na pele um agradecimento a Deus ou a alguma entidade”, afirma o padre Luís Erlin Gomes, de 45 anos. Com doutoramento em Comunicação Social, ele tem se dedicado ao estudo da religiosidade popular, com ênfase nos ex-votos.

Para ele, a prática ainda está profundamente presente em nossa sociedade, mas de uma forma mais contemporânea. “Estamos vivendo um momento de renovação e adequação dos ex-votos”.

Com isso, a partir de sua experiência de mestrado e doutorado, ele escreveu dois livros dedicados ao assunto. Neles, catalogou diversos novos modos de troca entre o fiel e o divino, onde se enquadram as tatuagens. “As tatuagens estão muito populares. Notei que as pessoas utilizam desse recurso icônico para poder manifestar seu agradecimento”, analisa.

**ESPECIALIZAÇÃO E MBA COM
MATRÍCULAS ABERTAS**



UNIVERSIDADE
**CATÓLICA
DE SANTOS**

Esse recurso não é exclusivo do cristianismo. Erlin diz que existem formas diferentes de manifestação, de acordo com a religião. Os católicos, em geral, fazem desenhos de santos, enquanto os evangélicos fazem tatuagens com passagens bíblicas, ou frases de agradecimento. Já para as religiões de matriz africana, são cultuados os símbolos de orixás.

O padre Erlin explica que a prática percorre toda a história das religiões. Desde as primeiras experiências religiosas do homem primitivo, ele já se relacionava com as divindades por meio de trocas. “O homem já pedia e, ao ser ouvido por essa divindade, retribuía de alguma forma material, com objetos ou flores, alguma oferenda”.



O padre Luís Erlin mostra ex-votos tradicionais, feitos de madeira: “Estamos vivendo um momento de renovação” — Foto: Luís Erlin/Arquivo pessoal

Essa relação, segundo ele, é importante, por ser presente ainda hoje. “Praticamente todas as religiões, segundo meus estudos, determinam essa relação de troca, de oferenda e agradecimento”, afirma.

O empresário Márcilio Carvalho França, de 54 anos, tem mais de 30 tatuagens espalhadas pelo corpo. Uma delas carrega um significado de gratidão e proteção. A Medalha de São Bento, símbolo católico, preenche uma parte de seu braço desde 2001, quando resolveu mudar de vida.

“Na época, eu era músico, um trem descarrilhado, totalmente sem rumo. Vivia sempre com excessos que a noite proporciona. Vivia sempre no meu limite, em tudo que era de ruim”, conta França. Após tomar consciência de sua situação, ele resolveu fazer o crucifixo de São Bento como uma forma de proteção e de agradecimento por nada de grave ter acontecido com ele até então.

Márcilio França atribui grande parte da paz e tranquilidade que tem hoje à tatuagem. “Parei de beber, encontrei alguém bem legal, larguei a profissão de músico da noite e trilhei outro caminho. Então, não sei se foi coincidência ou não, mas as coisas melhoraram bastante para mim”, desabafa.

Como padre, Luís Erlin considera a prática dos ex-votos “superválida” por dar sentido à vida, independentemente da forma que for expressa. Para ele, isso acontece porque as pessoas procuram estabelecer uma relação de intimidade com o sagrado. “Nessa relação de subordinação, também há uma relação de amizade e proximidade, onde as pessoas querem oferecer algo em troca do que receberam para agradar a divindade”.

Essa é uma forma de, além de alegrar o fiel, fazer com que ele reavalie as responsabilidades que tem com a sua vida, ressalta Erlin. “Quando a pessoa se sente agraciada, quando recebe um milagre em sua vida, ela

se sente vista e próxima da divindade. Não se sente como alguém perdido na vida ou no mundo, mas que tem quem zele por ela. Essa pessoa se sente vista”.

Tendência

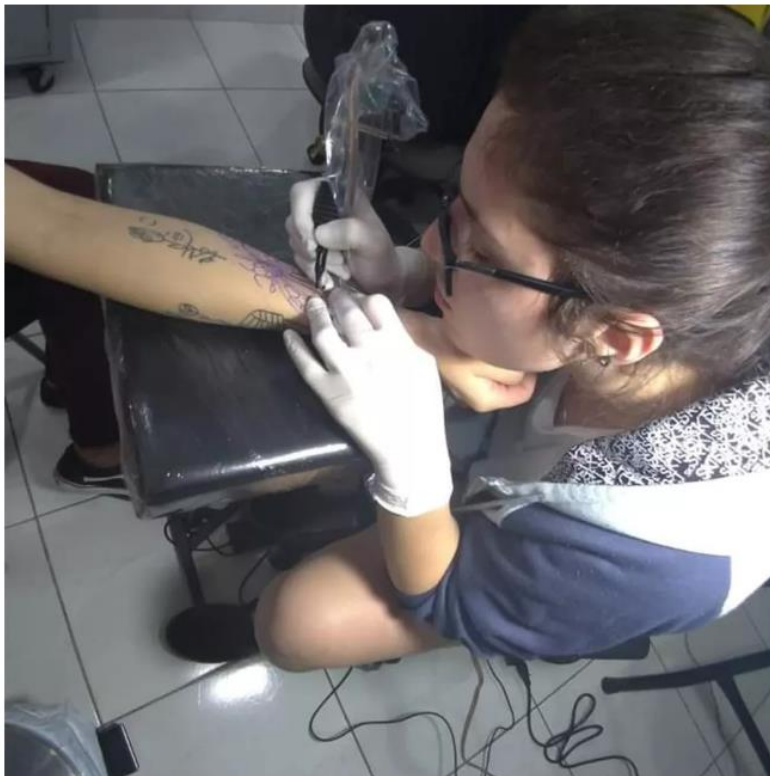
Para Paulo Roberto de Jesus, tatuador há 19 anos, as tatuagens são uma forma de reproduzir alguma parte importante na vida do tatuado. “A tatuagem sempre vai marcar um acontecimento que você teve consciência de que merecia ser marcado, uma vitória que a pessoa teve, ou uma tradição”.

Ele conta que costuma fazer com frequência tatuagens relacionadas à religião, e que elas estão em alta. “Fazem o leão da tribo de Judá, a cruz vazia na simbologia do sacrifício, a mão com o olho no meio”, comenta. “Nossa Senhora de Aparecida também sai bastante”.

Já a tatuadora Carla Andrade, na área há 3 anos, diz que nem sempre as pessoas que procuram as tatuagens religiosas têm algum tipo de crença. “A maioria faz porque acha bonito, porque a família é muito católica. Às vezes, quem faz é um desvirtuado, usa drogas, faz muita besteira, nem vai à igreja, não lê a Bíblia, mas faz alguma tatuagem do tipo só por causa da estética”, avalia.

Carla diz que esse tipo de tatuagem é requisitado com frequência, devido à maior aceitação social que traz. “A galera diz que quer fazer uma tatuagem, seja como for, mas que a família só vai aceitar se for religiosa. Então, acaba fazendo”.

** Com supervisão de Alexandre Lopes, editor-chefe do G1 Santos*



Para a tatuadora Carla Andrade, desenhos religiosos também podem ser tentativa de aceitação social — Foto: Carla Andrade/Arquivo pessoal